



# HERANÇAS CULTURAIS: resenha do livro de Silviano Santiago

Rony Márcio Cardoso Ferreira<sup>1</sup>  
& Marcos Antônio Bessa-Oliveira<sup>2</sup>

A memória domina mais a linguagem — isto é, o extravasamento dos sentimentos em palavras — do que um de nós gosta de acreditar [...]. A memória é mistério e trafega pela linguagem à semelhança do barco a vela pelo mar, impulsionado pelo vento previsível e imprevisível do amanhecer.

Santiago. *Heranças*, p. 390.

*Heranças*, último romance do crítico e escritor mineiro Silviano Santiago, trata-se de uma autobiografia do autor/narrador/protagonista Walter, nome este revelado somente nas últimas páginas do romance. “Relato escandalosamente pessoal”, os 33 capítulos são, nada mais nada menos, “cópia *ipsis litteris*” dos antigos episódios da vida de um canalha rico mineiro, que se mudara para o Rio de Janeiro e resolvera arregaçar “as mangas da velhice” para escrever sua história.

O relato é regado a copos de whisky e concebido por lembranças acionadas pela memória de Walter. Por isso, os fatos são apresentados como *flashes* cinematográficos, fazendo com que a narrativa se (des)teça entre o ato da escrita — o escritório em Ipanema — e os acontecimentos da vida pregressa do narrador.

Assim, sempre que algum fato é antecipado, caráter que concede à narrativa um fio condutor não-linear, o autor/narrador retoma fatos intermediários antecedentes. Em outras palavras, os fatos são na maioria das vezes anunciados antes ou depois da ação fatídica transcrita na narrativa, pois

---

<sup>1</sup> Rony Márcio Cardoso Ferreira é graduando do 4º ano do curso de Letras da UFMS. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq.

<sup>2</sup> Marcos Antônio Bessa-Oliveira é graduando do 4º ano do curso de Artes Visuais da UFMS. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq.

[...] em relatos como este, apressar significa perder tempo. Depois de a costura ser dada por encerrada, há que retomar o fio da meada, e bordar mais lentamente o tecido. Enfrento o touro dos fatos com as firulas de bom toureiro.<sup>3</sup>

Ao tecer o “tapete da memória” em que se constitui o livro, Walter faz com que aquele seja formado por fios que entrelaçam passado, presente e futuro. Ou seja, a memória é acionada pelo auto/narrador “velho casmurro e solitário” no presente narrativo do registro do relato e, simultaneamente, apresentada ao leitor em um tempo anterior ao da escrita pelas ações do protagonista “adolescente, inexperiente e fogoso”.

Sinônimo de “tribunal da consciência”, o relato confessional tem ainda a presença de outra memória além da de Walter: a do computador, que armazena o relato já digitado. No escritório do autor/narrador/protagonista haviam dois computadores moderníssimos: o primeiro a serviço profissional de sua empresa de mercado de capitais, o segundo reservado para a digitação do relato que resolve dar o nome de *Heranças*.

No tocante a essa memória do *hardware*, sobressai-se uma questão de suma importância: a memória do computador funciona como motor agente que aciona a memória de Walter. Isso é comprovável, pois todas as manhãs os dedos do autor/narrador encontram-se indispostos para a continuação da empreitada em que se submetera. Quando ligava o computador e este, por meio da tela “azul falso da Microsoft” que dava acesso ao programa de texto, concedia a Walter o contato com relato já armazenado, as mãos e os dedos revigoravam-se recebendo novo ânimo para a leitura dos últimos parágrafos, como se lê a seguir:

Enquanto releio os dez últimos parágrafos do arquivo (nunca me aventuro a um número maior) braços e mãos perdem a modorra matutina. Elas se abrem ao mesmo tempo, e se alongam em dez dedos ágeis de pianista, que se dobram para se apoiarem no teclado. Apresentada pelos *painkillers*, liberta da dor que aprisiona, as fibras nervosas o desejo de dar continuidade à execução da dolente valsa das ruas, avenidas e praças belo-horizontinas.<sup>4</sup>

Mesmo sendo escrito às batucadas no teclado de seu computador, o autor/narrador concede a seu relato um ar de manuscrito ou hieróglifo quando traz à tona, em um tom confessional, o passado remoto de sua vida. Para dar crédito aos fatos transcritos, o mesmo diz que não suprimiria nada sobre os acontecimentos vividos e que se isso ocorresse deixaria registrado “neste exato lugar: *algumas passagens foram censuradas pelo autor*”. Contudo, logo em seguida, o

<sup>3</sup> SANTIAGO. *Heranças*. 2008, p. 306.

<sup>4</sup> SANTIAGO. *Heranças*. 2008, p. 361.

mesmo brinca com seu “leitor infatigável”, afirmando que por ter deixado tal frase transcrita no registro ele teria sim refugado algumas passagens, pois como se lê:

Caso deixe a frase acima no manuscrito terei legado uma pista e a seguinte certeza: andei censurando minhas palavras. Troco em miúdos a pista e a certeza. Não aceito por escrito a vida tal como a vivi<sup>5</sup>

O relato de Walter pode ser ainda tomado como um contraponto das memórias narradas por um dos mais conhecidos narradores da literatura brasileira: Brás Cubas. Enquanto este se propõe a narrar os fatos vividos depois que morre, aquele faz o inverso, põe-se a narrar os fatos de sua vida pregressa em Belo Horizonte, de seu presente Rio de Janeiro e do porvir de sua vida. O primeiro um “defunto autor”, o segundo um “canalha autor” e bem vivo por sinal. Muitas das vezes a diferença é o que os aproxima.

Outra questão que nos permite estabelecer relação entre a narrativa de Silviano e a de Machado é o fato de ambas apresentarem um narrador irônico que trava contínuos diálogos com o seu leitor. Fato este que fora anunciado por Silviano em entrevista durante o período no qual escrevia o livro *Heranças*.

Estou escrevendo um romance de umas trezentas e poucas páginas, *Heranças*. Algo nele aponta para o romance clássico do século 19, tipo Gustave Flaubert, mas muita coisa nele tem dívida a pagar com os filmes de Almodóvar. Se o narrador-personagem funcionar, será mais um exemplo do bom filho-da-puta da elite brasileira. Em tempos dos clichês do documentário, uma vez mais nado contra-a-corrente. É um romance que requer a ironia do leitor e nenhuma compaixão. Se julgarem que minha nova prosa tem algo a ver com a ironia machadiana, ela ficará toda prosa.<sup>6</sup>

Depois das malogradas tentativas de Walter entrar em um curso superior, o mesmo decide ir trabalhar no comércio da família, os Armazinhos São José, e logo percebe que sua irmã Filinha estava a lhe “roubar o lugar de filho macho” da família. Com a morte do pai, Seu Nestor, Walter acreditou que tudo mudaria por ser o único homem da família. Ledo engano, seu nome não fora nem mencionado no testamento deixado pelo pai.

Tempos depois Filinha sofre um acidente automobilístico enquanto viajava para Ouro Preto. Com a morte da irmã, a herança de Seu Nestor não teria como fazer outro percurso: fora parar nas mãos de Walter. A partir do anúncio de tal morte, o autor/narrador cria um suspense de romance policial, à guisa de Agatha

<sup>5</sup> SANTIAGO. *Heranças*. 2008, p. 110.

<sup>6</sup> Silviano Santiago em entrevista exclusiva concedida a Marcelo Barbosa e Kadu Machado In Algo a Dizer. Disponível em: [www.algodizer.com.br](http://www.algodizer.com.br) – acesso em: 30 de agosto de 2008.

Christie, acerca dos motivos do referido acidente, que será revelado somente no último capítulo do livro.

Com as mudanças pelas quais passou a linha de confecções na capital mineira, Walter decide se desfazer da loja para trabalhar no setor imobiliário, da construção civil e, posteriormente, do mercado de capitais. Acompanhando todas essas mutações na vida profissional, vão sendo apresentadas as inúmeras amantes de Walter que pede ao leitor que

[...] não julguem monótona a listagem de amantes e garotas de programa. Se por acaso se assemelha ao catálogo de telefones feminino de sua cidade, a culpa não é minha.<sup>7</sup>

Conforme o autor/narrador vai contando e transcrevendo seus casos com algumas amantes (Nancy, Denise, Marta, Graziema, Carmem e outras que não menciona nomes) o mesmo afirma que o que ocorre durante a escrita do relato é uma atualização e concretização da “memória amorosa”, “nascida do desejo represado”. Concomitantemente, instaura-se a certeza de que entre amantes, mulheres, abortos e passeios pelos bordéis do Barro Preto, Walter tinha “evitado filhos como a erva daninha”.

Junto a esses fatos promíscuos da vida de Walter evidenciam-se os perfis provisórios que a personalidade do autor/narrador/protagonista assume em particulares situações da narrativa. É como se a figura de Walter e a narrativa fossem se compondo dos paradoxos lançados pelo autor/narrador, pois “este relato parece galinha. De paradoxo em paradoxo, ela enche o papo”.<sup>8</sup>

Durante a escrita do livro, Walter passa o tempo todo no seu apartamento em Ipanema e como um verdadeiro *voyeux*, que vê às escondidas, tece reflexões e comentários dos fatos rotineiros da cidade do Rio de Janeiro apreciados através da janela. Desse modo, junto ao enredo do livro interpõe-se também um retrato da antiga capital brasileira, proporcionado pelo contato indireto de Walter com seu mundo presente.

Nas últimas páginas do relato, Walter afirma que seu passado já fora todo transcrito e como poço da memória esvaziara-se; a alternativa era escancarar ao leitor o drama de seu presente no Rio de Janeiro, como se lê:

Não há nada a ser extraído das águas passadas. Esvaziou-se o poço da memória. As águas idas e vividas foram plenamente revividas. Ou melhor, no decorrer dos últimos meses, a água empoçada metamorfoseou-se em frases [...]. Um

<sup>7</sup> SANTIAGO. *Heranças*. 2008, p. 333.

<sup>8</sup> SANTIAGO. *Heranças*. 2008, p. 357.

horror de capítulos a assustar o menos desavisado dos cristãos. São a cópia perfeita e aperfeiçoada da água que veio jorrando do poço da memória [...]. Exaurida a água do poço que por meses desalterou a sede da imaginação, ofertando-lhe mais e mais frases, meus pensamentos se voltam para a atual mobilidade do corpo e da mente no apartamento da avenida Vieira Souto.<sup>9</sup>

Como já mencionado, Walter chega ao fim da narrativa sem um herdeiro eleito. Isso o leva à procura de um ex-namorado de sua falecida irmã: Vitorino. Quando aquele encontra este, é apresentado ao leitor e a Vitorino o real motivo da viagem que Filinha fez para Ouro Preto quando morreu. Tal motivo refere-se ao fato de que a mesma estava grávida e tinha ido contar a notícia para o namorado. Assim, as possíveis teses apresentadas pelo autor/narrador como motivos para a morte da irmã são desbaratadas na antepenúltima página do romance, esclarecendo a trama que prende o leitor.

Apesar de não ter se reproduzido em outro ser humano, Walter acreditava que continuaria vivíssimo dentro dos vermes que se “nutriam dele até a eternidade”. Isso nos leva a crer que ainda morto Walter continuaria vivo, imortalizando-se em outro ser não humano. O que o narrador /autor faz é conclamar junto ao leitor a derrocada “da ditadura da morte humana”, pois para ele

Enquanto houver *vida* no planeta Terra, lá estará — sob a forma monocelular — seu mais orgulhoso e prepotente habitante, o ser humano. Eu, por exemplo, descendente dos Ferreira Ramalho, ou você.<sup>10</sup>

Relato escrito, missão cumprida. O “escriba de uma vida estava pronto para ser encaixotado em madeira, jogado em um buraco e ser coberto de terra”. Walter não se contentara em escrever seu passado e presente até a beira do túmulo, mas sim ir além, pois “tenho certeza. Absoluta. Não há nada mais fervescente de vida do que os subterrâneos dum cemitério”.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> SANTIAGO. *Heranças*. 2008, p. 361-364.

<sup>10</sup> SANTIAGO. *Heranças*. 2008, p. 299.

<sup>11</sup> SANTIAGO. *Heranças*. 2008, p. 397.

## Referências Bibliográficas

BARBOSA, Marcelo MACHADO, Kadu. Entrevista exclusiva com Silvano Santiago In *Algo a Dizer*. Disponível em: [www.algoadizer.com.br](http://www.algoadizer.com.br) – acesso em: 30 de agosto de 2008.

CUNHA, Alécio. Silvano Santiago retorna ao romance com *Heranças* In *Plural* - Hojeemdia.com.br. Disponível em: <http://www.hojeemdia.com.br/v2/index.php?sessao=12&ver=1&noticia=1030> – acesso em: 30 de agosto de 2008.

ESTANTE. *Heranças*. In *Jornal O povo – vida & arte*. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/opovo/vidaearte/815778.html> – acesso em: 30 de agosto de 2008.

FILHO, Antonio Gonçalves. Santiago e seu rei Lear Tapuia In *Estadão de hoje – caderno 2*. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080817/not\\_imp225396,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080817/not_imp225396,0.php) – acesso em: 30 de agosto de 2008.

MOTTA, Leda Tenório da. O pós-moderno de alma mineira In *Estadão de hoje – caderno 2*. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080817/not\\_imp225388,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080817/not_imp225388,0.php) – acesso em: 30 de agosto de 2008.

SANTIAGO, Silvano. *Heranças*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 2008.

SOUZA, Eneida Maria de. Análise do documentário Santiago In: *Fórum virtual de literatura e teatro – Em cena*. Disponível em: [http://www.pacc.ufrj.br/literatura/emcena/analise\\_doc\\_santiago.php](http://www.pacc.ufrj.br/literatura/emcena/analise_doc_santiago.php) – acesso em: 30 de agosto de 2008.

